



INSTRUÇÃO: As questões de números **01** a **03** tomam por base um fragmento do livro *Memórias de um sargento de milícias*, escrito por Manuel Antônio de Almeida (1831-1861).

Era a comadre uma mulher baixa, excessivamente gorda, bonachona, ingênua ou tola até um certo ponto, e finória até outro; vivia do ofício de parteira, que adotara por curiosidade, e benzia de quebranto; todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papa-missas da cidade. Era a folhinha mais exata de todas as festas religiosas que aqui se faziam; sabia de cor os dias em que se dizia missa em tal ou tal igreja, como a hora e até o nome do padre; era pontual à ladainha, ao terço, à novena, ao setenário; não lhe escapava via-sacra, procissão, nem sermão; trazia o tempo habilmente distribuído e as horas combinadas, de maneira que nunca lhe aconteceu de chegar à igreja e achar já a missa no altar. De madrugada começava pela missa da Lapa; apenas acabava ia à das oito na Sé, e daí saindo pilhava ainda a das nove em Santo Antônio. O seu traje habitual era, como o de todas as mulheres de sua condição e esfera, uma saia de lila preta, que se vestia sobre um vestido qualquer, um lenço branco muito teso e engomado ao pescoço, outro na cabeça, rosário pendurado no cós da saia, um raminho de arruda atrás da orelha, tudo isto coberto por uma clássica mantilha, junto à renda da qual se pregava uma pequena figa de ouro ou de osso. (...) a mantilha era o traje mais conveniente aos costumes da época; sendo as ações dos outros o principal cuidado de quase todos, era necessário ver sem ser visto. A mantilha para as mulheres estava na razão das rótulas para as casas; eram o observatório da vida alheia.

.....
Nesta ocasião levantava-se a Deus, e as duas beatas interromperam a conversa [sobre o afilhado da comadre] para bater nos peitos.

Era uma delas a vizinha do compadre, que prognosticava mau fim ao menino, e com quem ele prometera fazer uma estralada: a outra era uma das que tinham estado na função do batizado.

A comadre, apenas ouviu isto, foi procurar o compadre; não se pense porém que a levava a isso outro interesse que não fosse a curiosidade; queria saber o caso com todos os detalhes; isso lhe dava longa matéria para a conversa na igreja, e para entreter as parturientes que se confiavam aos seus cuidados.

(Manuel Antônio de Almeida,
Memórias de um sargento de milícias)

1

O sincretismo religioso, isto é, a “fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas” (cf. *Dicionário Houaiss*) era comum em nossa cultura, na época retratada na obra de Manuel Antônio de Almeida. A descrição da comadre, feita com vivacidade pelo enunciador do texto, permite afirmar que ela é dada a essa prática? Justifique sua resposta, com base em uma passagem do texto.

Resolução

No trecho “...e benzia de quebranto; todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papamissa da cidade” (primeiro parágrafo), percebe-se, na caracterização da Comadre, o sincretismo religioso, ou seja, a fusão de práticas religiosas diferentes, pois a personagem tanto fazia rezas para afastar supostas influências de espíritos malignos (“benzia de quebranto”), uma atividade que a ligava à feitiçaria, quanto frequentava com grande assiduidade as festas e os rituais ligados à Igreja Católica (missas, ladainhas, terços, novenas, via-sacra, procissão, sermão).

2

Ao referir-se ao fato de a comadre procurar o compadre, a fim de conversar sobre o afilhado, o enunciador fornece a mesma explicação dada à razão de ela abraçar o ofício de parteira. Identifique essa explicação, relacionando-a com os costumes da época, especialmente com o uso da mantilha pelas mulheres.

Resolução

Tanto o ofício de parteira que a Comadre adotara quanto a sua ida à casa do Compadre tinham o mesmo motivo: a curiosidade, ou seja, a preocupação em buscar todos os detalhes sobre a vida alheia. Para isso, a mantilha, peça do vestuário muito comum no tempo da narrativa e que consistia em uma faixa de tecido que cobria como um véu o rosto das mulheres, permitia que elas vissem os outros sem serem vistas. É o que pode ser confirmado por meio do trecho que encerra o primeiro parágrafo: “a mantilha era o traje mais conveniente aos costumes da época; sendo as ações dos outros o principal cuidado [preocupação] de quase todos, era necessário ver sem ser visto”.



A comadre é apresentada, entre várias características, como uma mulher que cumpria rigorosamente os horários. Transcreva duas passagens do fragmento em que essa qualidade está explícita, referindo-se à participação da personagem nas missas.

Resolução

Os trechos que comprovam a pontualidade da Comadre em relação a missas são os seguintes (todos retirados do primeiro parágrafo): (1) “sabia de cor os dias em que se dizia missa em tal ou tal igreja, como a hora e até o nome do padre”; (2) “trazia o tempo habilmente distribuído e as horas combinadas, de maneira que nunca lhe aconteceu de chegar à igreja e achar já a missa no altar. De madrugada começava pela missa da Lapa; apenas acabava ia à das oito na Sé, e daí saindo pilhava ainda a das nove em Santo Antônio”.

INSTRUÇÃO: As questões de números **04** a **07** tomam por base o trecho inicial de uma obra do escritor brasileiro Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922).

Ninguém sabia donde **viera** aquele homem. O agente do Correio **pudera** apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel, pois assim era subscrita a correspondência que recebia. E era grande. Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.

— Vou fazer um forno, disse o preto, na sala de jantar.

Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia — um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

O alarme se fez na vila. Para uns, os mais adiantados, era um fabricante de moeda falsa; para outros, os crentes e simples, um tipo que tinha parte com o tinhoso.

Chico da Tirana, o carreiro, quando passava em frente da casa do homem misterioso, ao lado do carro a chiar, e olhava a chaminé da sala de jantar a fumegar, não deixava de persignar-se e rezar um “credo” em voz baixa; e, não **fora** a intervenção do farmacêutico, o subdelegado teria ido dar um cerco à casa daquele indivíduo suspeito, que inquietava a imaginação de toda uma população.

Tomando em consideração as informações de Fabrício, o boticário Bastos concluirá que o desconhecido devia ser um sábio, um grande químico, refugiado ali para mais sossegadamente levar avante os seus trabalhos científicos.

Homem formado e respeitado na cidade, vereador, médico também, porque o doutor Jerônimo não gostava de receitar e se **fizera** sócio da farmácia para mais em paz viver, a opinião de Bastos levou tranquilidade a todas as consciências e fez com que a população cercasse de uma silenciosa admiração a pessoa do grande químico, que viera habitar a cidade.

De tarde, se o viam a passear pela margem do Tubiacanga, sentando-se aqui e ali, olhando perdidamente as águas claras do riacho, cismando diante da penetrante melancolia do crepúsculo, todos se descobriam e não era raro que às “boas noites” acrescentassem “doutor”. E tocava muito o coração daquela gente a profunda simpatia com que ele tratava as crianças, a maneira pela qual as contemplava, parecendo apiedar-se de que elas tivessem nascido para sofrer e morrer.

(Lima Barreto, *A nova Califórnia*)

4



Na primeira parte do fragmento, Raimundo Flamel recebe qualificativos praticamente neutros (como *desconhecido*, *novo habitante*) e, a partir de pormenores contados por Fabrício, sua descrição se reveste de certo caráter negativo (*o próprio diabo, um tipo que tinha parte com o tinho-so, homem misterioso e indivíduo suspeito*). Pela intervenção do boticário Bastos, porém, o conceito do homem passa a ser positivo. Extraia do texto dois exemplos que focalizem essa admiração que a população de Tubiacanga vai desenvolver, com respeito a Flamel.

Resolução

São exemplos da admiração e do respeito que passaram a cercar a personagem o fato de que os homens tiravam o chapéu ao saudá-lo (“todos se descobriam”) e lhe atribuíam tratamento respeitoso (“não era raro que às ‘boas noites’ acrescentassem ‘doutor’”).

5



Ainda que o enunciador do texto possa ser considerado discreto e convencional, há pelo menos uma passagem em que se dirige concretamente a eventuais leitores. Transcreva a palavra com que ele realiza essa ação, identifique o modo verbal no qual ela se apresenta e comente o efeito de sentido que tal atitude do narrador provoca, no texto.

Resolução

O quarto parágrafo do texto inicia-se com uma conclamação aos leitores: “Imaginem...” O verbo se encontra flexionado no modo subjuntivo, no tempo presente, em função que se poderia chamar imperativa, mas que é, mais popriamente, exortativa. O efeito produzido por essa exortação é de aproximar o leitor da situação narrada, conclamando-o a colocar-se no lugar dos habitantes da cidadezinha, intrigados, espantados e mesmo amedrontados com o desconhecido. O narrador machadiano é usuário habitual de recursos metalinguísticos deste tipo, que, embora possam quebrar a ilusão mimética por chamarem a atenção para os elementos da representação, produzem também outros efeitos: envolvem o leitor na narrativa e como que o solidarizam com o narrador.



Os verbos, quando flexionados no pretérito mais-que-perfeito, indicam uma ação que ocorreu antes de outra, também já passada. No fragmento de Lima Barreto, observam-se algumas formas no pretérito mais-que-perfeito: *viera* (linha 1), *pudera* (linha 2), *fora* (linha 27), *fizera* (linha 36). Entretanto, uma dessas formas foi usada em lugar de outro tempo verbal. Indique qual é essa forma e qual o tempo que substitui, no contexto.

Resolução

Em “...não fora a intervenção do farmacêutico...”, o mais-que-perfeito está empregado em lugar do imperfeito do subjuntivo. Trata-se de oração subordinada adverbial condicional em que se acha omitida a conjunção *se*, cuja presença impediria a substituição efetuada: *...se não fosse a intervenção do farmacêutico...*



Levando em consideração os sentidos acionados pelo fragmento de *A nova Califórnia*, explique por que Raimundo Flamel é designado como “um grande químico”, no sétimo parágrafo, mas aparece como “(d)o grande químico”, no parágrafo seguinte, substituindo-se o artigo indefinido pelo definido.

Resolução

O artigo indefinido se justifica, na primeira ocorrência da expressão, porque se tratava então de um desconhecido sobre quem se formulava uma hipótese ou uma inferência (“...concluirá que o desconhecido devia ser...”) fundada nas observações do pedreiro. Portanto, tratava-se então de “um sábio, um grande químico”, e não *do grande sábio* ou *o grande químico* já determinado, conhecido, como é o caso quando o desconhecido começa a se tornar uma figura familiar na cidade, justificando-se então o emprego do artigo definido nas referências a ele.

INSTRUÇÃO: As questões de números **08 a 10** tomam por base trecho de um texto de Fabiana Cristina Komesu, publicado na obra *Hipertexto e gêneros digitais*, organizada por Luiz Antônio Marcuschi e Antônio Carlos Xavier.

Blog é uma corruptela de *weblog*, expressão que pode ser traduzida como “arquivo na rede”. Os *blogs* surgiram em agosto de 1999 com a utilização do *software* Blogger, da empresa do norte-americano Evan Williams. O *software* fora concebido como uma alternativa popular para a publicação de textos *on-line*, uma vez que a ferramenta dispensava o conhecimento especializado em computação. A facilidade para a edição, atualização e manutenção dos textos em rede foram – e são – os principais atributos para o sucesso e a difusão dessa chamada ferramenta de auto-expressão. A ferramenta permite, ainda, a convivência de múltiplas semioses, a exemplo de textos escritos, de imagens (fotos, desenhos, animações) e de som (músicas, principalmente). Atualmente, a maior parte dos provedores não cobra taxa para a hospedagem de um *blog*. (...)

Sob essas condições de acesso, a parcela da população que usufrui de computador e internet pode utilizar o *software* para a expressão de seus sentimentos, principalmente, na atividade de escrita – e por meio de outras semioses, como a imagem e o som. Não se trata da exibição da vida particular de celebridades, mas do cotidiano e das histórias de pessoas consideradas comuns porque não exercem quaisquer atividades que lhes deem destaque social, a não ser o fato de possuírem um *blog* na rede.

A avaliação das práticas sociais de um exibicionismo da vida privada em eventos textuais como os *blogs* é questão que pode ser estendida a outros meios de comunicação. Limito-me a mencionar a televisão, para ficar com um dos exemplos mais célebres. Nos últimos anos, os canais de televisão no mundo todo iniciaram a produção de programas que se ocupam do cotidiano de pessoas comuns, colocadas para conviverem juntas num mesmo ambiente. Por meio dos votos dos telespectadores, há a seleção de um vencedor. O “sobrevivente” recebe, ao término do programa, um montante em dinheiro. No Brasil, a fórmula é intitulada “Big Brother Brasil”.

(Fabiana Cristina Komesu,

Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet)



Ao lado de termos estrangeiros (*blog*, *weblog*, *software*, *on-line*), o fragmento emprega expressões portuguesas que se relacionam diretamente às novas tecnologias, especialmente o computador e a internet. Cite duas dessas expressões, comentando diferenças quanto ao sentido corriqueiro das palavras destacadas e sua nova acepção.

Resolução

Entre as expressões ligadas às novas tecnologias que ganharam um sentido diferente do corriqueiro podem ser destacadas: 1) arquivo, que de conjunto de documentos passou a ser também o grupo de dados digitalizados que são armazenados e tratados como um ente; 2) rede, que de entrelaçado de fios passou também a significar um sistema constituído pela interligação de diversos computadores; 3) provedor, que de designação àquele que abastece, que sustenta, passou a indicar também uma empresa ou organização com alta capacidade de armazenamento de dados e com grande quantidade de computadores interligados e que disponibiliza o seu conteúdo a outros usuários.



Explicite os objetivos da criação do *blog* e os motivos de seu sucesso, no mundo contemporâneo, considerando os dados fornecidos pelo fragmento escrito por Fabiana Komesu.

Resolução

Os *blogs* têm como função permitir aos seus autores expressarem seus sentimentos por meio da escrita associada a outras “semioses”, ou seja, outros processos semióticos ou sistemas de signos, visuais ou sonoros. Essa ferramenta tornou-se bastante popular porque dispensa conhecimento especializado em informática, o que facilita para qualquer usuário a edição, atualização e manutenção de seu conteúdo. Além disso, a maior parte dos provedores não cobra taxa para hospedagem dessas publicações.

Tendo em vista as informações contidas no texto, o *blog* poderia ser relacionado ao gênero *diário*, uma vez que seu conteúdo trata “do cotidiano e das histórias de pessoas consideradas comuns”. Todavia, o gênero *blog* se distancia dos *diários* em vista de algumas de suas características, as quais também podem ser observadas, no fragmento. Aponte duas diferenças entre esses dois gêneros, apresentando explicações sucintas.

Resolução

Tanto o *blog* quanto o *diário* são textos em que seu autor expressa seus sentimentos. O primeiro leva vantagem sobre o segundo porque possui uma enorme facilidade de edição, possibilita a associação de música e de conteúdo em outros sistemas de signos e permite que a vida particular de quem o produz se torne acessível aos demais usuários da rede mundial de computadores.


OBJETIVO
OBJETIVO
OBJETIVO
OBJETIVO
OBJETIVO
OBJETIVO

INSTRUÇÃO: Leia atentamente os textos seguintes.

Depois daquele beijo

Fábio Cordeiro, 27 anos, seis de profissão, é um paparazzo que pelo menos três vezes por semana frequenta a praia do Leblon em busca de celebridades para fotografar. O Rio de Janeiro é uma espécie de Hollywood brasileira, em parte por abrigar os artistas da Rede Globo, só que com belas praias, o que deixa as pessoas naturalmente mais expostas. Naquela sexta-feira 25 de fevereiro, Cordeiro não precisou esperar muito – às vezes faz plantão de até oito horas. Uma babá deu a dica. Chico (Buarque de Hollanda) estava na área e ela também queria fotografá-lo. Ele ficou observando o cantor tirar o tênis, cumprimentar uma moça e ir para o mar. Logo em seguida, a moça mergulhou, eles conversaram, se abraçaram, se beijaram e saíram da água de mãos dadas. E o fotógrafo registrou tudo. “Invasão de privacidade é quando você tem que vencer um obstáculo ou entrar em propriedade privada.”

Ao lado de Cordeiro há opiniões de peso. Edson Vidigal, presidente do Superior Tribunal de Justiça (STJ), diz que, realmente, o fato de uma pessoa pública ser fotografada em local público não caracteriza invasão de privacidade. Ele cita o Carnaval de 1994, em que a modelo Lillian Ramos foi fotografada sem calcinha ao lado do presidente Itamar Franco. Vidigal adverte que fotos tiradas por cima de muros, com teleobjetivas, estas, sim, são claras violações de privacidade. Antônio Carlos de Almeida Castro, um dos mais conhecidos advogados de Brasília, lembra que não há diferenças entre pessoas famosas e desconhecidas em lugares públicos. “Se um casal é flagrado junto num jogo de futebol, e outros não poderiam saber, trata-se de uma infelicidade, e não de violação de privacidade.”

(Isto É, 16.03.2005)

Sob o olhar do Twitter

Um serviço global de mensagens rápidas desafia os hábitos de comunicação e reinventa o conceito de privacidade

Ivan Martins e Renata Leal

Vivemos a era da exposição e do compartilhamento. Público e privado começam a se confundir. A ideia de privacidade vai mudar ou desaparecer.

O trecho acima tem 140 caracteres exatos. É uma mensagem curta que tenta encapsular uma ideia complexa. Não é fácil esse tipo de síntese, mas dezenas de milhões de pessoas o praticam diariamente. No mundo todo são disparados 2,4 trilhões de SMS por mês, e neles

cabem 140 toques ou pouco mais. Também é comum enviar e-mails, deixar recados no Orkut, falar com as pessoas pelo MSN, tagarelar no celular, receber chamados em qualquer parte, a qualquer hora. Estamos conectados. Superconectados, na verdade, de várias formas. Há 1,57 bilhão de pessoas que usam a internet e 3,3 bilhões com celulares – e as duas redes estão se fundindo. Há uma nova sintaxe em construção, a das mensagens. Práticas da internet migraram para o mundo do celular e coisas do mundo do celular invadiram a rede de computadores. A difusão de informação digital iniciada pela web em 1995 está se aprofundando e traz com ela mudanças radicais de costumes. As pessoas não param de falar e não querem parar de receber. Elas querem se exibir e querem ver. Tudo.

O mais recente exemplo da demanda total por conexão e de uma nova sintaxe social é o Twitter, o novo serviço de troca de mensagens pela internet. Criado em 2006, decolou no ano passado e já tem 6 milhões de usuários no mundo. O Twitter pode ser entendido como uma mistura de *blog* e celular. As mensagens são de 140 toques, como os torpedos dos celulares, mas circulam pela internet como os textos de *blogs*. Em vez de seguir para apenas uma pessoa, como no celular ou no MSN, a mensagem do Twitter vai para todos os “seguidores” – gente que acompanha o emissor. (...)

Outro aspecto do Twitter que provoca controvérsia é a invasão da privacidade. As conversas que se travam no serviço são públicas. Basta se registrar como seguidor de alguém (não é preciso autorização) para acompanhar as conversas. Mas qualquer pessoa pode ler a página de alguém no Twitter sem ter uma conta. Coisas pessoais acabam tornadas públicas, de maneira talvez ingênua. “Aqueles que não entendem suas vidas públicas on-line estarão um dia à mercê daqueles que entendem e sabem como cavar aquelas maravilhosas histórias que as pessoas estão deixando na internet”, diz [John] Grohol [psicólogo americano]. Essa é uma questão que não tem o mesmo valor para diferentes gerações. É possível que os adolescentes e jovens de hoje se arrependam de seus perfis abertos no Twitter e no Orkut. Mas é possível, também, que eles construam uma nova relação com suas personas digitais, uma relação muito mais aberta e permissiva do que a geração anterior seria capaz de admitir. A nova ideia de privacidade em construção convive com o exibicionismo e o voyeurismo da rede.

(*Época*, 16.03.2009)

Proposta de Redação

Nos textos da Prova de Língua Portuguesa, focaliza-se, de maneira direta, o interesse pela vida alheia. De modo semelhante, nos dois textos de apoio, transcritos nesta parte, o conteúdo aponta para o gosto por invadir a privacidade.

Levando em consideração as ideias expressas nesses

textos e sua própria experiência, escreva uma redação, no gênero dissertativo, sobre o seguinte tema:

A tecnologia e a invasão da privacidade

Comentário à proposta de Redação

A tecnologia e a invasão da privacidade: este o tema proposto. Esperava-se que o candidato levasse em consideração não apenas os dois textos apresentados na prova de Redação, mas também o conteúdo dos textos da prova de Língua Portuguesa, que focalizaram, “de maneira direta, o interesse pela vida alheia”.

Para discutir essa questão, o vestibulando deveria ir além da constatação de que há, hoje, um sem-número de dispositivos eletrônicos que invadem a nossa privacidade -algumas vezes, com o nosso consentimento; outras, sem que nos demos conta -, o que tem gerado até mesmo uma revisão do conceito de privacidade na “era da exposição e do compartilhamento”, fazendo que a bisbilhotice de outros tempos (como a representada nos textos de Manuel Antônio de Almeida e Lima Barreto) pareça inocente e inofensiva.

Blogs, câmeras fotográficas, celulares, Twitter, Orkut, MSN: são muitos os recursos à disposição de quem quer ver e ser visto. Caberia avaliar até que ponto essas infinitas oportunidades de interação e compartilhamento de informações seriam positivas, permitindo a construção de novas relações, mais abertas e mais permissivas, e a partir de quando haveria um uso indevido e nem sempre ético de dados pessoais .

Caberia, ainda, traçar perspectivas em relação ao futuro da tecnologia: será um mundo em que “a nova ideia de privacidade em construção conviveria com o exibicionismo e o voyeurismo da rede” ou então um mundo em que experimentaremos cada vez mais a desconfortável sensação de estarmos sendo filmados ou seguidos.